

900 - história de um Rei

de Pedro Seromenho



Bibliotecas Escolares do
Agrupamento de Escolas
de Proença-a-Nova



900 – História de um rei

**Momentos fundamentais de uma
narrativa heróica**

**Marcas temporais de uma vida,
de uma viagem.**

Capítulo 1.º - O Nascimento

Nasce um estadista, um herói, um guerreiro conquistador que se tornará REI, a 25 de Julho de 1109

“Com o tempo a passar e a curiosidade a possuí-los, ambos encostaram os ouvidos à porta e ouviram aterrorizados a condessa gemer em pranto até que, de repente, irrompeu o choro de um bebé.”

(p. 6)

Capítulo 1.º - O Nascimento

Batizado

*“- Senhor, eis o teu servo, Afonso Henriques ! -
Comungou finalmente o capelão que pegou no
infante recém-nascido, mergulhou-o na pia baptismal
e ergueu-o no ar para todos o contemplarem.”*

(p. 9)

Egas Moniz, o aio

“- D. Egas Moniz, sereis o aio deste primogénito.”

(p. 10)

Capítulo 2.º - A Juventude

De menino a guerreiro

Intenso treino marcial

“Afonso cedo demonstrou que era um lutador (...). De quando em vez, o aio inclusive organizou torneios e bafardos, para Afonso demonstrar as suas habilidades.”

(pp. 14 e 16)

“...o jovem infante tornara-se um adversário de respeito, difícil de derribar.”

(p. 16)

Capítulo 2.º - A Juventude

Mãe muito ausente. Egas Moniz
compensa a ausência de D. Teresa

*“- Sabeis, amigo, por vezes sinto-me sozinho
– confidenciou Afonso a D. Egas ...”*

(p. 18)

Capítulo 3.º - O cavaleiro

Atinge a maioridade e avolumam-se os problemas com a mãe

“...Afonso atingira a maioridade. Com dezasseis anos de idade e um enorme desejo de se afirmar, o jovem tinha cada vez mais desavenças com o amante da sua mãe.”

(p. 21)

“A última visita que a mãe lhe fizera, aquando do seu aniversário, terminara com uma tremenda discussão.”

(p. 21)

Capítulo 3.º - O cavaleiro

Torna-se cavaleiro



“Diz o costume que os candidatos são investidos por cavaleiros de nome maior, aos quais se ajoelhavam para “receber o título” (...) Afonso que prometera a si próprio jamais se ajoelhar a quem fosse, (...) orou em voz alta (...) – Não terei cavaleiro que me proteja! Serei defensor da cruz e protegido pela cruz que será formada de escudos, neste meu escudo!”

(pp. 24 e 25)

Capítulo 4.º - A Batalha

Batalha de S. Mamede, 24 de Julho de 1128.

Afonso Henriques e os seus homens derrotam o exército de D. Teresa

“...para impedir que os sobreviventes se recompusessem, Afonso chamou a si meia dúzia dos melhores homens e atacou de novo, desta feita pela retaguarda. Ciente de que, num exército, os fracos e os de armas mais débeis ficam na retaguarda, o nobre cavaleiro sentenciou o combate.”

(pp. 34 e 35)



Capítulo 4.º - A Batalha

D. Teresa é expulsa do Condado Portucaleense



“... o casal aproveitou-se da clemência de D. Afonso e deixou o condado. Com uma mão à frente e outra atrás, não se fizeram rogados e partiram.”

(p. 38)

Capítulo 5.º - A Promessa

Egas Moniz dera a sua palavra de honra a Afonso VII que no dia em que Afonso Henriques subisse ao poder do condado este jurar-lhe-ia obediência. Tal não aconteceu, por isso:

“Com a vergonha da mentira a recair sobre toda a família, apresentaram-se descalços, diante de D. Afonso VII, com o traje de condenados à morte e uma corda ao pescoço.”

(p. 44)

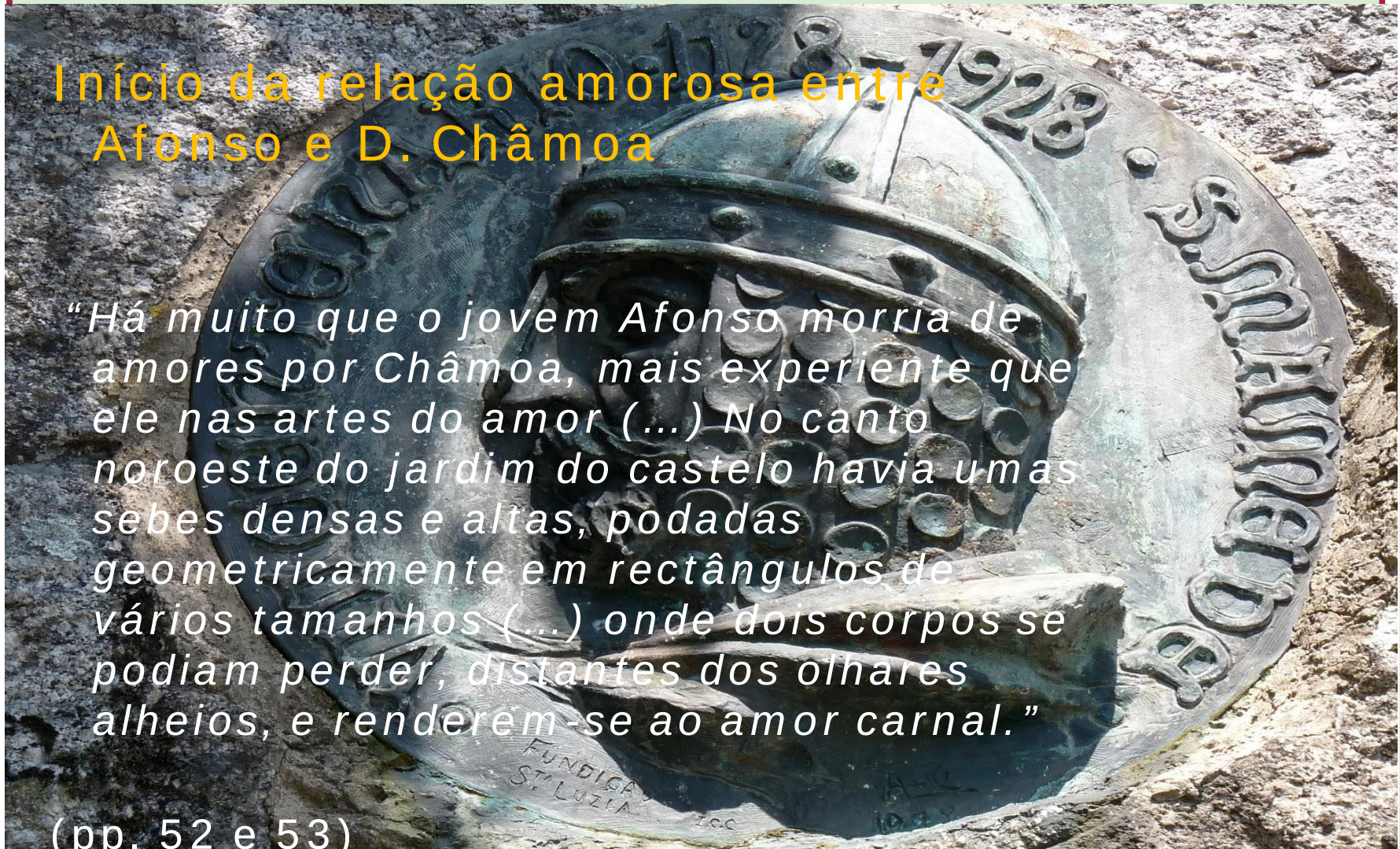


Capítulo 6.º - O Pacto

Início da relação amorosa entre
Afonso e D. Châmoa

*“Há muito que o jovem Afonso morria de
amores por Châmoa, mais experiente que
ele nas artes do amor (...) No canto
noroeste do jardim do castelo havia umas
sebes densas e altas, podadas
geometricamente em rectângulos de
vários tamanhos (...) onde dois corpos se
podiam perder, distantes dos olhares
alheios, e renderem-se ao amor carnal.”*

(pp. 52 e 53)



Capítulo 6.º - O Pacto

Ajoelha-se pela primeira vez, quando assina o pacto de tréguas com o primo D. Afonso VII

“A 4 de Junho de 1137, ombreado por D. Paio Mendes e D. João Peculiar, D. Afonso Henriques ajoelhou-se pela primeira vez na sua vida e assinou o pacto de tréguas. (...) Reza a lenda que, na mesma noite, enfastiado pela submissão, D. Afonso Henriques adormeceu febril.”

(p. 56)

Capítulo 7.º - A premonição

D. Châmoa informa D. Afonso que está grávida

“ – Senhor estou prenhe.

Com aquelas palavras, naquele tom seco e abrupto, a minúscula sala encheu-se de um inesperado e incómodo silêncio. – Mas ... hesitou D. Afonso, levando as mãos à cabeça- ...é meu ? – Claro que sim!”

(p. 61)

Capítulo 7.º - A premonição

Premonição do ataque dos mouros

“Lentamente , a dor que sentia foi-se extinguindo e, do feixe de luz, desceu um anjo que anunciou: *In hoc signo vinces* – Com este sinal, vencerás! Foi então que, trémulo e exsudado, D. Afonso acordou do pesadelo.”

(p.64)

Capítulo 7.º - A premonição

Vitória retumbante sobre as tropas de Ali Yusuf

“Sem espada, agarrou-o pelos cabelos e pelo queixo, levantou-o no ar e arremessou-o pelo ar como se fosse um alforge.

- Vai e leva os teus! – exclamou esbaforido o guerreiro portugalense – Dizei-lhes que foi aqui que D. Afonso te venceu.

(...) os defensores portugalenses soltaram urras de triunfo, enquanto D. Afonso se ajoelhava solenemente para agradecer a Deus. A sua vitória foi retumbante.”

(p. 70)

Capítulo 8.º - O Reencontro

Casamento de Afonso Henriques com D. Matilde (Mafalda), por interesses de “Estado”

“ Os seus conselheiros procuravam-lhe uma princesa, uma rainha, para fortalecerem o Reino Portucalese.”

(p. 76)

“ Foi dos contactos que D. João Peculiar efetuou, que surgiu o nome de D. Matilde de Sabóia, filha do conde Amadeu III da Sabóia.(...)”

- D. Matilde , que feliz a vossa vinda. –mentiu o rei, entre dentes.”

(p. 78)

Capítulo 8.º - O Reencontro

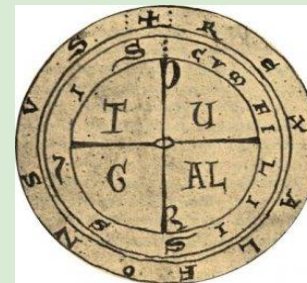
Tratado de Zamora – 5 de Outubro de 1143

Consagra o Condado Portucalense como reino

“...decorridos dois anos desde o bafordo em Valdevez, o arcebispo fez com que os primos se voltassem a juntar e, na presença do Cardeal Guido de Vico, assinassem o Tratado de Zamora, que consagrava o condado portucalense em reino.

Foi nesse célebre dia, a 5 de Outubro de 1143, que nasceu Portugal.”

(p. 81)



Capítulo 8.º - O Reencontro

Tomada de Santarém



“Sem percalços e seguindo a missão à risca, na madrugada de 15 de Março de 1147, o recém-nomeado cavaleiro de S. Pedro, D. Afonso Henriques, conquistava Santarém.”

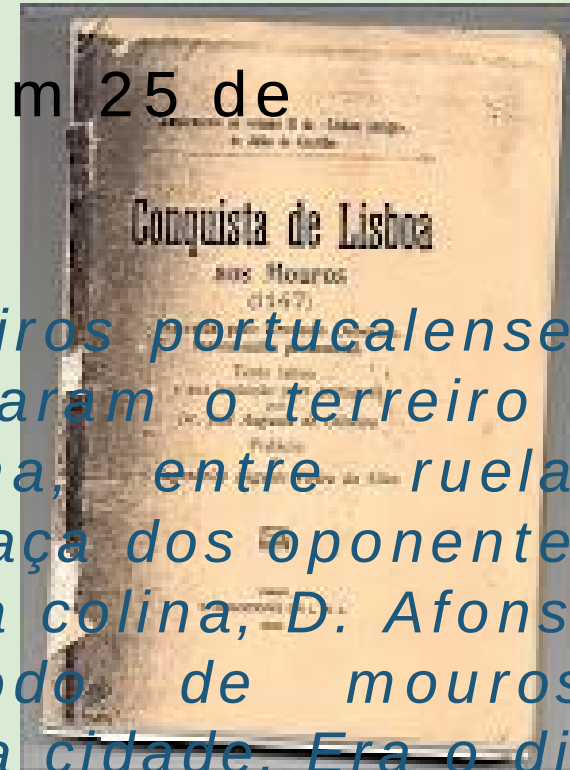
(p. 82)

Capítulo 9.º - O Cerco

Cerco e conquista de Lisboa em 25 de Outubro de 1147

“Ágeis e imparáveis, os cavaleiros portugalenses invadiram o castelo, contornaram o terreiro e subiram pelo monte acima, entre ruelas estreitas e casas térreas, à caça dos oponentes que restavam.(...) Do cimo da colina, D. Afonso pôde contemplar um êxodo de mouros, cabisbaixos, a abandonarem a cidade. Era o dia 25 de Outubro de 1147 e foi um sábado de glória.”

(p. 89)



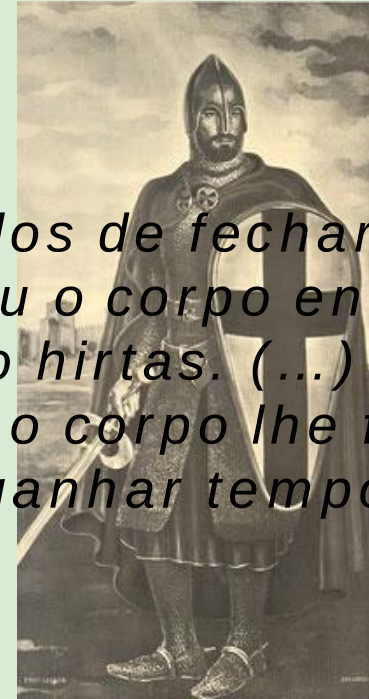


CONQUISTA DE LISBOA

Capítulo 9.º - O Cerco

Martim Moniz

“ Foi então que Moniz, para impedi-los de fecharem as portas, rastejou atrás deles, enfiou o corpo entre os batentes e esticou as pernas como hirtas. (...) o corajoso portugalense deixou que o corpo lhe fosse crivado de lanças e flechas, para ganhar tempo e os companheiros entrarem.”



(p. 89)

Morte do filho primogénito

“Após semanas de dor e agonia, a criança simplesmente não aguentou e recebeu a extrema-unção, deixando os pais destroçados. (...) O primogénito do rei tinha morrido.”

(p. 93)

Capítulo 10.º - O Salteador

24 de Junho de 1159, tomada de Beja

“A 24 de Junho de 1159, exactamente trinta anos sobre a batalha de S. Mamede, o rei de Portugal entrou no castelo, matou o governador da cidade, desfraldou a sua bandeira e hasteou-a no centro da praça, para que todos a vissem.

(p. 101)

D. Afonso descobre Geraldo Gerales, O Sem Pavor, e coloca-o ao seu serviço

“ – Quero que me ajudeis – disse D. Afonso que, antes de se adiantar mais, fez sinal aos guardas e mercenários, pedindo para que ficasse a sós com Geraldo.

(p. 103)



Capítulo 10.º - O Salteador

Final do Outono de 1165 - Geraldo Sem-Pavor apodera-se de Évora

“No final do Outono de 1165, com D. Afonso acabado de regressar do casamento de D. Urraca, Geraldo Sem-Pavor apoderou-se de Évora e preparou a chegada do rei, para lhe entregar as chaves da cidade.”

(p. 106)



Capítulo 11.º - A Maldição

Ataque a Badajoz – 3 de Maio de 1169

Os exércitos do Condado Portucalense sofreram uma pesada derrota. D. Afonso é ferido com gravidade e feito prisioneiro. É libertado, mais tarde, por Fernando II, mediante a imposição de um conjunto de condições que o impediam de continuar a guerrear.

“Finalmente, a 3 de Maio de 1169, Badajoz foi atacada.”

(p.111)

“O rei de Portugal não esperava tão triste fado, de lutar contra um exército que lhe era superior. Rodeado de mouros e leoneses que não paravam de chegar (...) viu Geraldo sentado junto às paredes da medina, com os braços no ar a render-se.”

(p.113)

Capítulo 11.º - A Maldição

“Incapaz de evitar a queda, o rei ouviu o estalido do osso e, num espasmo, sentiu o fémur a escaqueirar ao meio.”

(p. 114)

“Passaram dois meses de cativo até o rei de Leão finalmente receber a notícia de que D. Afonso havia despertado do sono profundo e que já balbuciava; falava de amores impossíveis e de uma maldição que lhe fora lançada. Referia-se por certo à sua mãe (...)

(p. 115)

“Que não me enfrenteis de novo. (...) Uma das condições impostas pelo rei de Leão era que D. Afonso nunca mais voltasse a cavalgar.”

(p. 116)

Capítulo 11.º - A Maldição

Entrega pelo Papa da bula *Manifestum Probatum*, concedendo-lhe finalmente o estatuto de Rei.

“O mensageiro do papa cavalgou até Coimbra e entregou-lhe em mão a bula, o Manifestum Probatum, que lhe concedia o estatuto de rei e, ao condado, o de reino. D. Sancho I rejubilou com o feito que merecia ser comemorado, mas D. Afonso virou costas e deixou cair o documento, largando-o com indiferença.”

(p. 120)

Capítulo 11.º - A Maldição

Morte de Afonso Henriques,
na tarde de 6 de Dezembro de 1185

“Na tarde de 6 de Dezembro de 1185, com setenta e seis anos, o primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques, fechou os olhos e deixou-se adormecer na eternidade.”

(p. 121)

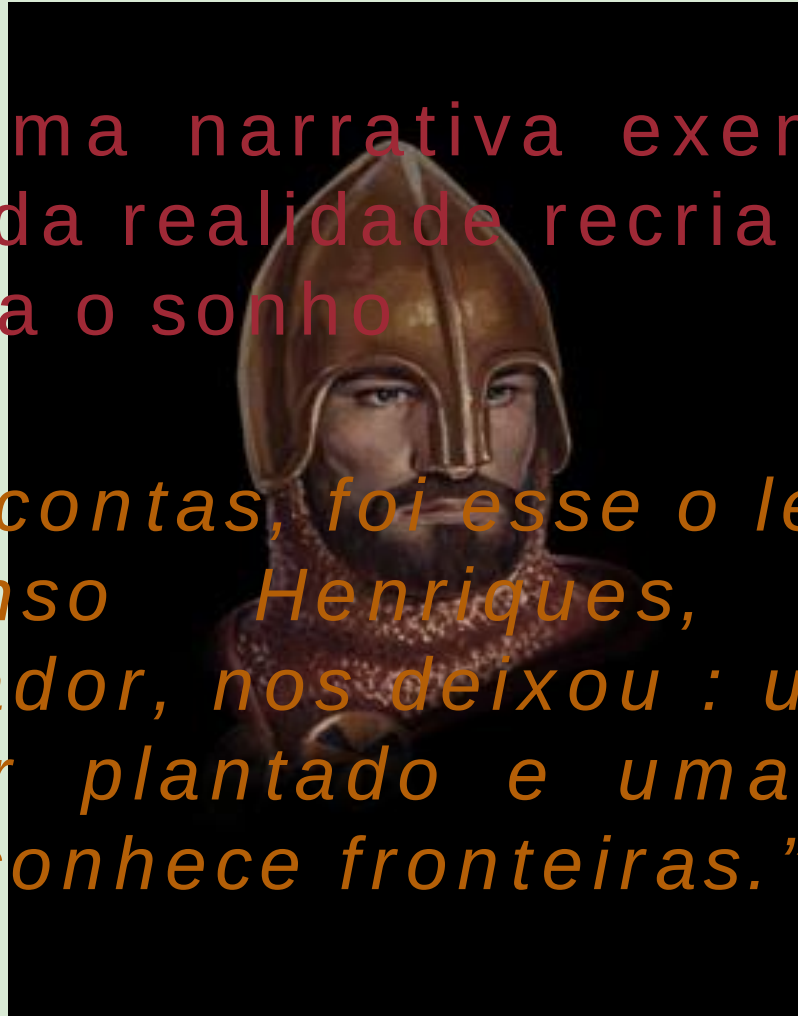


900 – História de um rei

Final de uma narrativa exemplar que partindo da realidade recria a História e alimenta o sonho

“Afiml de contas, foi esse o legado que D. Afonso Henriques, o grão conquistador, nos deixou : um reino à beira-mar plantado e uma coragem que não conhece fronteiras.”

(p. 121)



900 – História de um rei

Marcas
temporais

de uma narrativa,

de uma vida,

de uma viagem

